



La peur des représentations – l’ambivalence à l’égard des images, du théâtre, de la fiction, des reliques et de la sexualité.

Graziele Luiza Andreazza Rossetto

Graziele Luiza Andreazza Rosseto (luizaunicamp@yahoo.com.br) é mestranda do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP.

GOODY, J. La peur des représentations – l’ambivalence à l’égard des images, du théâtre, de la fiction, des reliques et de la sexualité. Paris: La Découverte, 2003, 309 páginas.

Um talibã queimando em praça pública películas de vídeo. Ao seu redor, homens adultos e mais dois meninos contemplam o ato de forma passiva. Ninguém demonstra reprovação ou indignação, tampouco parecem estar comemorando. Atrás do grupo que observa a fogueira algumas pessoas estão de passagem, outras estão conversando, transmitindo a impressão de que não estão interessadas em saber o que está ocorrendo ali ao lado, naquela pequena aglomeração.

A foto descrita acima está na capa do instigante ensaio escrito por Jack Goody, professor emérito de antropologia social da Universidade de Cambridge e *fellow* do St. John’s College desde 1961. Publicado pela primeira vez em língua inglesa no ano de 1997, com o título *Representations and Contradictions – ambivalence towards images, theatre, fiction, relics and sexuality*, o livro se propõe não só a analisar uma noção muito cara à antropologia - e amplamente debatida ao longo da história da disciplina -, a representação, como também dá prosseguimento a estudos anteriores empreendidos pelo autor a respeito das culturas orais e escritas, nos quais ele busca compreender o que elas possuem em comum, o que as diferencia e, de forma mais ampla, quais são as acepções e os impactos gerados pela transição da oralidade para a escrita em

sociedades que passaram ou estão passando por processos de transformação no modo de comunicação humana.

Na edição inglesa, Goody não faz nenhum comentário a respeito da imagem contida na capa. Já a publicação em espanhol, de 1999, não possui sequer a fotografia e não há menções a respeito de sua supressão. Porém, na versão francesa, de 2003, tanto a foto quanto os comentários do autor a respeito da imagem estão presentes. Estas alterações que constam nas diferentes traduções são bastante significativas e intrigantes.

Mesmo levando em consideração os aspectos editoriais que cercam a publicação de um livro, que muitas vezes escapam das mãos do autor, é provável que a retirada da fotografia só tenha sido possível na versão espanhola pelo mesmo motivo que a tornou obrigatória na edição francesa (acrescida, pela primeira vez, dos comentários de Goody sobre a imagem). Os ataques de grande repercussão internacional envolvendo o mundo islâmico ainda estavam por acontecer em 1999 e em 2003 já tinham ocorrido.

A recordação do atentado contra as torres gêmeas do World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, no qual os talibãs foram acusados de participação por terem se aliado à Al-Qaeda, grupo que reivindicou a autoria das ações contra os Estados Unidos, é quase imediata. Este não foi o único fato marcante em 2001. Como indica o próprio Jack Goody, em março deste mesmo ano houve o bombardeio às duas esculturas dos Budas de Bamiyan, no Afeganistão. Este ataque foi indicado como iconoclasta, pois estaria baseado nos preceitos da religião islâmica, que condena a adoração de imagens. Após tais acontecimentos, não se pode negar que a foto da capa ganhou outras dimensões e despertou novas leituras.

O que a imagem representa ou expõe, no final do século XX e no início do XXI? A fotografia que parecia estar no livro como uma mera ilustração ganha novo sentido. Pode-se dizer que antes de 2001 a imagem e o texto não estavam intimamente interconectados. O próprio Goody, no estimulante prefácio que escreve para a edição francesa, além de declarar, obviamente, o seu total desconhecimento da repercussão internacional que os talibãs e o mundo islâmico adquiriram nos anos seguintes, reforça a idéia primeira da imagem da capa como mera ilustração:

Para ilustrar a capa da primeira edição desse livro, já há alguns anos agora, eu coloquei a fotografia de um talibã jogando ao fogo uma película encoberta de uma câmera de vídeo (GOODY, 2003, p. 09 [tradução minha]).

A frase é enigmática, pois não esclarece porque esta e não outra imagem foi escolhida. Contudo, ao final do curto prefácio, pode-se concluir que Jack Goody pretende dissolver a oposição entre Ocidente e Oriente, que ganhou fôlego renovado após os ataques de 2001. O autor explicita que a iconoclastia, entendida como rejeição de imagens visuais de modo mais generalizado, esteve presente em diferentes momentos na história das religiões: até recentemente no judaísmo, mas também no catolicismo primitivo, no início do budismo e durante a Reforma protestante. Mesmo em tradições orais, como as africanas, Goody identifica resistências em se retratarem visualmente os deuses, principalmente o Deus supremo, entendido como o criador. Ao final, o autor lança a indagação sobre quem são estes que o Ocidente considera os "outros" e conclui:

Há dois milhões de muçulmanos na Inglaterra e na Alemanha – juntas – e perto de três milhões na França. Eles não são mais o Outro, uma presença física ou ideológica insólita - se é que eles o foram um dia. Eles são esse 'nós' que devemos agora procurar compreender (GOODY, 2003, p.10 [tradução minha]).

Nesta busca, o autor vai se dedicar ao estudo da representação, que ele considera, inexoravelmente, pública, visto que é uma noção central para entender tanto a comunicação humana quanto a própria constituição do humano. Os movimentos de rejeição ou destruição, mas também os de não resistência às formas de representação que aparecem no livro, não estão ligados somente ao campo religioso, envolvem também os campos pictórico, escultural, teatral, ritual, ficcional e sexual. A Revolução Francesa é um dos exemplos citados pelo autor como período no qual a rejeição a estes outros tipos de representação se tornou evidente.

O conceito de representação é definido logo no início por Goody, a partir do seu sentido em latim, ou seja, como uma apresentação de algo ausente, uma presentificação. A acepção deste conceito como "a encarnação de uma abstração em um objeto" (GOODY, 2003, p. 44) é insuficiente para o autor porque ela desconsidera a existência de uma intencionalidade, que ele vê como fundamental. A representação possui uma idéia de propósito, pois exhibe (lingüística, imagética ou teoricamente) algo

que não está presente. Isto implica dizer, por exemplo, que a palavra “cão” representa o animal cão, mas não é o animal ele mesmo, assim como uma pintura de um cão também não o é. A representação é a apresentação daquilo que não é o original e por isso gera dúvida: será que esta é uma representação válida? As respostas a esta questão podem variar, mas o importante é reter que a representação possui uma referência com o original, mas não é uma cópia e nunca será aquilo que lhe deu origem.

Para Goody, são os aspectos cognitivos humanos os responsáveis por esta ambivalência entre incerteza e realidade. A contradição, que pode incitar ou proibir a representação, não está baseada no medo da substituição da coisa mesma por uma outra que a represente, mas sim em não saber se esta forma é correta ou mais apropriada. Como é possível criar a imagem de um Deus que, por definição, é o único capaz de criar? A representação, e as contradições nela implícitas, não são para o autor inatas à mente humana. Ele considera que ambas surgem a partir dos processos cognitivos de criação e utilização das representações advindos da comunicação humana que realizamos cotidianamente. Portanto, a linguagem oral é a primeira forma de representação dessas ambivalências, o que a caracteriza como universal. Porém, em cada sociedade haverá diferentes maneiras de lidar com as contradições que aparecerem entre representação e referente.

Para analisar tais variações, Goody seleciona algumas formas ambivalentes de representação que considera merecedoras de um estudo mais amplo e geral, por estarem distribuídas espacialmente de modo desigual nas diversas sociedades e serem valorizadas de formas distintas em cada uma delas. Em seguida, perscruta, dentro de uma mesma sociedade, os períodos nos quais ela rejeitou ou enalteceu as formas de representação que produziu. Por fim, investiga quais foram as objeções que essas representações provocaram, tanto individualmente, quanto coletivamente.

As formas de representação escolhidas estão distribuídas em seis capítulos, na seguinte ordem: imagens, relíquias, teatro e ritos, mito, romance e representações sobre o sexo. O livro traz ainda um capítulo inicial no qual o autor explicita os motivos que o levou a tratar deste tema, revelando seus interesses e bases teóricas para a discussão. Há também um capítulo final onde estão presentes as indicações de como o trabalho de Goody se insere no interior do debate antropológico mais amplo.

As análises comparativas cotejam regiões da Europa, Ásia e África. A idéia retomada constantemente por Goody é que as ambivalências e contradições, inerentes

a qualquer forma de representação, são expostas mais explicitamente em sociedades com tradição escrita e se encontram em estado embrionário, implícito, nas sociedades de tradição oral. Para o autor, a forma escrita é capaz de iluminar as contradições de maneira mais aparente, objetivando o pensamento de forma concreta e manipulável, o que a linguagem oral não possibilita.

Debatendo com diferentes concepções teóricas presentes na antropologia, Goody ressalta que é preciso compreender, nas transmissões culturais, não só aquilo que permanece, mas também o que muda. Ele não nega a existência de elementos inatos, mas afirma que é preciso demonstrar a sua existência em cada caso. Também não refuta a importância das análises que se preocupam em compreender as estruturas profundas, como as estruturalistas, mas afirma que não se pode simplesmente abstrair o sentido que as coisas possuem para aqueles que realizam a ação.

Emblemática nesse sentido é a análise que o autor empreende sobre *performance*. Na intenção de desvendar as ambivalências que se encontram por trás desta noção, Goody afirma que os participantes de um ritual e os atores de uma peça teatral têm concepções bem diferentes a respeito de sua atuação. Em um ritual, aquele que exerce o papel de pai não está representando, ele não imita, mas age, trabalha como, ele é o pai. Já um ator representa, de forma mimética, um personagem que vai durar o tempo da peça. Um outro aspecto relevante é que os ritos estão mais implicados na vida cotidiana e são praticamente indispensáveis, ao contrário dos espetáculos profanos, que são mais prescindíveis e foram rejeitados, de modo geral, em diferentes períodos, por diferentes sociedades. Goody não nega que haja semelhanças entre rituais e espetáculos de teatro, porém considera que excluir a intencionalidade em cada contexto e omitir a perspectiva das pessoas, que podem ser tanto similares quanto distintas, é encobrir diferenças fundamentais.

Uma das perguntas que permanece é a de como identificar se uma imagem é uma apresentação ou uma representação? Para Goody não é possível dar uma resposta simples a esta questão, mas o relevante é não esquecer que a percepção dos atores sociais sobre o que é apresentado ou representado (seja imagética ou lingüisticamente) muda com o passar do tempo. É sob esta mesma perspectiva, de alteração das percepções, que a foto da capa ganha novas leituras e as alterações no título do livro em suas diferentes traduções abrem as possibilidades para outras interpretações.

Representation and Contradictions foi traduzido para o francês como *La peur des représentations*. Deve-se levar em consideração que a mudança do título pode ter sido uma estratégia editorial, talvez não apoiada pelo autor. Mas o fato é que a palavra “contradição” foi substituída por “medo”. Poder-se-ia dizer que a idéia de medo está vinculada à de ambivalência das representações, que geram dúvidas e contradições. Por outro lado, a ambivalência que a palavra “peur” adquire ao dividir o mesmo espaço da capa com a fotografia na qual são queimadas películas de filmes possibilita a interpretação de que os talibãs, e o oriente de modo mais geral, investem em ações contra as representações ocidentais para evitar a “contaminação” do mundo islâmico.

O título também pode, talvez, reforçar a idéia do pavor que se instaurou no mundo ocidental após as ações violentas destes “outros orientais fundamentalistas”, que ateam filmes em fogueiras, reforçando uma oposição entre Ocidente e Oriente que Jack Goody pretende dissolver no livro. Talvez o prefácio escrito pelo autor para a edição francesa, no qual ele fala sobre a escolha da fotografia para a capa, seja exatamente para minar, logo de início, esta possível interpretação, de que o livro trata de antagonismos entre Ocidente e Oriente.

Não se pode negar, portanto, que a percepção dos atores sociais a respeito da única imagem presente no livro de Jack Goody sobre representações muda substancialmente no século XXI. Após os ataques de 2001, a imagem da capa não pode mais ser desatrelada do conteúdo do livro (a edição espanhola, provavelmente, não suprimiria a fotografia se tivesse sido lançada após os atentados).

Enfim, *La peur des représentations* é composto por uma análise comparativa articulada, diligente e de grande fôlego sobre as sociedades ocidentais, orientais e africanas, pautada em acontecimentos transcorridos nos últimos dois mil anos que dão corpo à sua perspicaz argumentação sobre a ambivalência das representações. Um dos pontos luminosos do livro é sua contribuição para a compreensão dos motivos que levam sociedades a recusarem/rejeitarem ou aceitarem (e até mesmo incentivarem) a presença e a proliferação de determinadas representações religiosas e/ou artísticas, em períodos históricos específicos. Trata-se de uma leitura recomendável a todos aqueles que se interessam, não só pelo debate teórico antropológico mais amplo a respeito da representação, como também para os estudiosos do campo da história, da antropologia da arte, da literatura, da dramaturgia e da religião.

